

Favelas ameaçam cartão postal de Guarapari

Foto de Manoel Alves

Guarapari (Sucursal) - Guarapari, um dos mais bonitos cartões postais do país, tem um outro lado. O lado em que proliferam as favelas, que hoje se tornam uma ameaça para os projetos de desenvolvimento turístico. As crescentes invasões de áreas têm dado origem a favelas como Soteco I e II, São João, Portal e outras que avançam nas áreas de Marinha e nos bairros da periferia.

Não existem dados oficiais que possam precisar o déficit habitacional na cidade. O prefeito Gilberto Corradi tem projetos e está buscando recursos para sua implantação. Há três anos o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) acusou a existência de 32.340 moradias. Dessas, 15.027 estavam ocupadas, 12.079 pertenciam a veranistas, 2.500 eram alugadas, 60 estavam fechadas, 84 tinham uso coletivo, caso dos hotéis, pensões e pousadas. Nesse mesmo período, o censo acusou uma população de 61.597 pessoas.

Êxodo

A indústria da construção civil, nos últimos anos, tem provocado a migração de trabalhadores para a cidade. A favelas são formadas, na grande maioria, por pessoas que vieram de cidades como Itabuna, Camacan, Teixeira de Freitas e outras localidades no sul da Bahia. Essa migração teria sua origem na "ganância dos empresários" que iam a esses locais buscar mão-de-obra barata, segundo se reclama na cidade. "Os primeiros trabalhadores chegavam e dormiam dentro da própria obra. Quando essa terminava, ou se arranjava uma outra ou, então, se pegava um pedaço de terra para morar. Depois vinha o resto da família." O testemunho é de José Raimundo Dantas, 29 anos, um desses trabalhadores e um dos poucos bem-sucedidos. Ele chegou à cidade há 12 anos, é garçom e assessor da Secretaria Municipal de Turismo.

Um encarregado de obras, que prefere não ser identificado, denuncia que esses trabalhadores, em sua maioria, não querem a carteira de trabalho assinada, por vários motivos. Esses trabalhadores custam até a metade do que é pago a um profissional qualificado e morador da cidade, em sua maioria sindicalizados. São recrutados

para fazer trabalhos difíceis e perigosos, como rebocar as paredes "cegas" de prédios, dentro de jaús. Esses serviços são subempreitados.

Miguel de Araújo, 49 anos, carpinteiro, casado e com quatro filhos, possui casa própria, é doente e se encontra "encostado" pelo INSS. Ele nunca teve problemas de desemprego, depois de vir de Jacobina, na Bahia. Everaldo Pereira, 39 anos, prancheiro, é de Camacam e não tem a mesma sorte. Está há cinco meses desempregado. O vigia José Miguel da Silva, 33 anos, volta ao trabalho agora, depois de três meses parado. Esses homens chegaram à cidade em busca de melhoria de vida, atraídos pela oferta de empregos na construção civil. Todos são moradores do bairro Adalberto Simão Nader, um loteamento urbanizado e doado pela Prefeitura na administração do ex-prefeito Graciano Espíndula, em 1982, quando foi feita a desocupação de uma invasão no aeroporto da cidade. Desta data, o único projeto de habitação são 19 casas que o atual prefeito está construindo em mutirão no bairro de Santa Mônica.

Situação

Os 565 lotes doados pela Prefeitura têm cada um 180 metros. A maioria hoje está ocupada por duas a três famílias. Muitas vivendo em situação promíscua. Situação crítica ainda é a de Portal e de Soteco I e Soteco II. Nesses bairros as famílias não têm água e luz. São comuns os furtos de energia da Escelsa. Muitos fios são conduzidos por precárias tubulações subterrâneas. A água vem de duas únicas torneiras para atender a todo o bairro. As filas começam de madrugada para pegar água no local que também funciona como chuveiro público.

Além das conhecidas invasões, outros bairros sem infra-estrutura de esgoto e com deficiência no abastecimento de água e luz retratam o quadro de miséria das favelas formadas nas áreas invadidas. Kubitschek, Santa Margarida, Coroado e Ipiranga são alguns exemplos da favelização da cidade. Existem ainda as que surgem nas beiras de canais e mangues, em Muquiçaba, Jabaraí e Lameirão, dentre outras.



O déficit habitacional em Guarapari está facilitando o surgimento de favelas e ocupações desordenadas de áreas em diversos pontos do município

Município quer evitar novas ocupações

O prefeito Gilberto Corradi pretende construir na sua administração cerca de 800 casas populares, proposta incentivada pelo fato de haver conseguido incluir no Orçamento da União recursos na ordem de R\$ 830 mil. Com esse dinheiro ele pretende construir 250 casas num terreno do bairro Lameirão, onde já existem invasões ao longo da Praia do Riacho.

No ano passado Corradi iniciou a construção de 19 casas no bairro de Santa Mônica. Paralelamente a Secretaria Municipal do Bem Estar So-

cial está sob a coordenação da primeira-dama, Lígia Corradi, fazendo levantamento de toda a situação habitacional do município e pretende implantar projeto de melhoria habitacional para famílias de baixa renda dos bairros São João, Coroado, Portal e Jabaraí. Esse projeto prevê o atendimento de 500 famílias e será executado por mutirão.

O assessor de Comunicação Social, Joubert Cunha, estuda a implantação de uma comissão de moradia. Essa entidade seria composta por representantes do poder público e a sociedade

civil organizada e teria como objetivo trabalhar no sentido de impedir a proliferação das favelas e habitações irregulares.

Turismo

Consciente do problema habitacional, o secretário municipal de Turismo, Gerson Saraiva, vê na favelização da cidade um sério risco para o turismo, que representa a mais importante fonte de renda do município. Do seu ponto de vista a urbanização é tão importante quanto o saneamento básico.

"Essa favelização de Guarapari já representa uma ameaça

para o turismo. Temos que estar muito conscientes disso. Nós não podemos deixar as coisas tomarem proporções perigosas. Graça a Deus ainda estamos dentro de uma faixa de segurança invejável. Mas o crescimento desorganizado é problemático e os registros policiais são os documentos mais eficientes para provar que corremos esse risco. As políticas de turismo e de urbanização têm que ser executadas paralelamente. Só assim teremos êxito nesse importante setor da economia, disse o secretário Gerson Saraiva.